

Liberdade e (in)determinação em *Grande sertão: veredas*
Freedom and (in)determinacy in *Grande sertão: veredas*

Claudia Campos Soares¹

Resumo: Este trabalho buscou discutir aspectos da relação entre liberdade e destino conforme se apresentam em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Para isso, recorreu, principalmente, à ideia de evento, ou acontecimento, conforme pensada por Jacques Derrida.

Abstract: This paper aims to discuss some aspects of the relationship between freedom and fate as they present themselves in *Grande sertão: veredas* by João Guimarães Rosa. To do that, it resorted to the idea of event, or happening, in Jacques Derrida's thought.

Palavras-chave: Liberdade. Destino. *Grande sertão: veredas*.

Keywords: Freedom. Fate. *Grande sertão: veredas*.

Enquanto narra o episódio do primeiro encontro com Diadorim quando ambos eram muito jovens, o ex-jagunço Riobaldo, narrador protagonista de *Grande sertão: veredas*, declara: “Eu estava indo a meu esmo.” (ROSA, 2006, p. 104)². Nesse enunciado paradoxal, Riobaldo afirma e, ao mesmo tempo, nega a sua capacidade de determinar a própria travessia: a ideia de andar a esmo (vale dizer, andar ao acaso, sem destino, direção ou propósito) é problematizada por um pronome possessivo de primeira pessoa, que imprime à expressão a marca da deliberação do sujeito. O paradoxo, que, como afirma Deleuze, “tem por característica o fato de ir em dois sentidos ao mesmo tempo”, “torna impossível uma identificação” (2009, 78); vale dizer, torna impossível o estabelecimento de um sentido final. Afirmando, simultaneamente, a validade de dois sentidos tidos como opostos, o paradoxo fere o bom senso e o senso comum (a *doxa*), que postulam que “em todas as coisas há um sentido determinável”. (DELEUZE, 2009, p. 1) Fere também os três princípios básicos da lógica aristotélica – o da identidade, o da não-contradição e o do terceiro excluído –, pois através dessa “figura de

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela USP, Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: claudiasoares3107@gmail.com. Artigo recebido em 27/08/2020 e aceito em 31/12/2020.

² De agora em diante, as referências ao romance de Guimarães Rosa virão indicadas no texto somente pelo(s) número(s) de página na edição referida.

pensamento”, como é classificada, se afirma que *a* é igual a *b*. Dessa forma, ainda segundo Deleuze, o paradoxo “cava uma zona de indeterminação que [...] produz o vazio na linguagem”. (1997, p. 85) É o que se percebe na frase de *Grande sertão: veredas* anteriormente citada: afinal, quem, ou o quê, determina o caminho de Riobaldo, ele mesmo ou o acaso?

O paradoxo é muito utilizado no romance de Guimarães Rosa em geral. E é muito frequente no tratamento da relação entre liberdade – compreendida enquanto independência soberana do sujeito, poder de decisão do eu consciente, livre-arbítrio – e destino. Obviamente essa ideia de liberdade já foi muito problematizada, sob diferentes vieses, desde, pelo menos, Freud e Marx – que problematizaram a integridade do sujeito “egológico”, para utilizar um termo de Jacques Derrida: aquele que “se reduz ao eu que pensa”. (2004, p. 65) Mas ela ainda é muito relevante socialmente, pois é aceita pelo senso comum e fundamenta, por exemplo, o Direito, que postula que o indivíduo é responsável pelas suas ações perante a lei, pois tem autonomia de decisão.

Riobaldo também acredita nisso. Ou, melhor, ele gostaria que assim o fosse. O então jagunço Tatarana gostaria de poder traçar, ele mesmo, os rumos de sua vida, manter sob seu domínio, o domínio do eu consciente, o controle sobre sua travessia, como ele mesmo o afirma: “Eu queria minha vida própria, por meu querer governada”. (ROSA, 2006, p. 354) Entretanto, muitas vezes ao longo de sua vida não o conseguiu. Também não conseguiu ter convicção da existência de um caminho previamente traçado, o destino, como se apresenta, por exemplo, na tragédia grega. Riobaldo até diz em certos momentos que há uma “lógica” secreta, um sentido subjacente aos acontecimentos da travessia, como neste trecho:

[...] existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e visível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador – sua parte, que antes já foi inventada, num papel... (ROSA, 2006, p. 484)

Aqui, Riobaldo afirma a existência de um caminho previamente determinado (por forças não nomeadas), para cada pessoa trilhar; por isso a vida de cada um é a representação de

um papel. Pode-se dizer, portanto, que o destino preexistiria à pessoa. Entretanto, diferentemente do modelo trágico clássico, onde as moiras acabam encontrando o “condenado” ainda que ele faça de tudo para evadir-se delas, Riobaldo afirma que existe um “correto” cumprimento do destino, e que ele exige que seja encontrada a “a lei, escondida e visível, mas não achável, do verdadeiro viver”. Vale dizer: há a exigência da participação humana para que o destino se cumpra: é preciso encontrar “a lei [...] do verdadeiro viver”. Essa participação, entretanto, é impossível, pois essa lei não é “achável”. Como em “meu esmo”, estamos aqui, novamente, diante do paradoxo e da impossibilidade do estabelecimento de um sentido final: existe um destino, mas, para que ele se cumpra, é preciso encontrar algo que não é encontrável e que está, ao mesmo tempo, oculto e manifesto. Vale chamar a atenção também, no trecho acima transcrito, para a seguinte frase: “esse nordeado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é.” Nesse trecho, Riobaldo também faz afirmações contraditórias. Inicialmente diz que existe um “nordeado” (ou seja, “a norma de um caminho certo para cada pessoa viver”, ou “a lei [...] do verdadeiro viver”); depois afirma que *é preciso* que exista esse nordeado (“tem de ter”); a seguir, ele cogita a possibilidade de que o “nordeado” não exista (“Se não” = se o nordeado não existir); e chega, enfim, mais uma vez, ao paradoxo: caso não haja esse nordeado, “a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira *que é*”. Vale dizer: há um nordeado, pois, se não houvesse, a vida seria doideira; mas a vida *é* doideira, então não poderia haver nordeado. Riobaldo desenvolve o raciocínio de forma a negar o que afirmou no início. Estamos novamente diante da impossibilidade fixar um sentido último para essas afirmações contraditórias. Só se pode afirmar, a partir delas, o desejo de Riobaldo de que haja um significado para a experiência.

Em outro momento em que afirma a vontade de submeter sua travessia aos desígnios do eu que pensa, Riobaldo o faz nos seguintes termos: “Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava”. (ROSA, 2006, p. 38) A repetição enfática do “queria” indica a angústia do jovem Riobaldo, relatada pelo velho, por não conseguir controlar os rumos de sua vida. Ele gostaria de tomar decisões sensatas, apoiadas no bom senso e nas conveniências (o que, geralmente, significa, de acordo com o senso comum), mas isso nem sempre lhe é possível. Quem o impede, no último trecho citado, é Diadorim. Mais propriamente, o amor, o amor paixão, aquele contra o qual nada podem a razão e as conveniências.³ Há, contudo, um impedimento maior, que subjaz àquele e

³ Discuti a questão em mais detalhes em SOARES, 2014.

que foi sua condição de existência: o acaso. Ele está sempre irrompendo, aparentemente do nada, e operando transformações radicais no destino de Riobaldo.

O acaso traz o acontecimento, ou evento, no sentido em que Derrida utiliza o termo: aquilo que está fora de qualquer horizonte de expectativa, que “excede ao cálculo, às regras, aos programas, às antecipações” (2007, p. 55); sobre ele, “nenhum programa, nenhuma máquina [...] irá jamais se fechar”. (BENNINGTON, 1996, p. 19) O que Derrida chama de máquina, segundo ele mesmo, é qualquer “dispositivo de cálculo e repetição”. (2004, p. 65)⁴ São máquinas, por exemplo, as determinações de ordem política, econômica e social. Não é delas que se pretende tratar aqui.⁵ O interesse deste trabalho está, justamente, no terreno do incalculável, do imprevisível, do que, falando mais uma vez como Derrida, “excede a máquina” (2004, p. 66), “os cálculos e as estratégias de meu domínio, minha soberania ou minha autonomia.” (2004, p. 69) Segundo Derrida, portanto, o evento está para além das determinações políticas, econômicas, sociais e excede também os limites do desejo do eu consciente, ou egológico, para falar, mais uma vez, como Derrida. Trata-se de uma questão frequentemente tratada nas estórias rosianas. É desse acontecimento que fala o narrador de “Dão-Lalalão”, por exemplo, quando, em discurso indireto livre que dá a ver a subjetividade do protagonista Soropita, afirma: “Tudo o que muda a vida vem quieto no escuro, sem preparos de avisar”. (ROSA, 1994, I, p. 820) É a isso também que se refere o narrador de “Luas de mel”, de *Primeiras estórias*, quando, logo na primeira frase do conto, enuncia: “No mais, mesmo, da mesmice, sempre vem a novidade.” (ROSA, 1994, II, p. 463) E o conto todo gira em torno dessa “novidade” inesperada, que tem poder revitalizador sobre a vida enfadonha e “sem-graça” do protagonista. (ROSA, 1994, II, p. 463)

Em *Grande sertão: veredas*, foco de interesse deste trabalho, Riobaldo afirma coisas como: “A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutra galho.” Como se vê, nessa frase a palavra minuto é dividida para sugerir o ínfimo instante em que, depois de a vida ter seguido por muito tempo sem sobressaltos, estável e rotineira, as coisas se definem e ocorre o evento, que tem o poder de reconfigurar a existência.

⁴ Como observou BENNINGTON, “... nada pode programar que alguma coisa aconteça [...] pois aquilo que está no programa não acontece, anula-se na sua previsibilidade, não tem força de evento.” (1996, p. 24)

⁵ Até porque elas já são muito estudadas. Desde o estudo seminal de Antonio Candido (publicado pela primeira vez na revista *Diálogo*, em 1957, sob o título “O sertão e o mundo”; em 1970, no livro *Vários escritos*, com o título definitivo, de “O homem dos avessos”; e em 1983, na fortuna crítica de Guimarães Rosa organizada por Eduardo Faria Coutinho), essa tendência crítica gerou estudos importantes como *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão (1986); *O Brasil de Rosa*, de Luiz Roncari (2004); *grandesertão.br*, de Willi Bolle (2004); *Lembranças do Brasil*, de Heloisa Starling (1999), entre outros.

Coisa semelhante se verifica nesta outra frase: “Ah, as coisas influentes da vida chegam assim sorrateiras, ladroalmente.” (ROSA, 2006, p. 431) Aqui, mais uma vez, se afirma que o acontecimento transformador chega sem que se perceba qualquer indicação de que ele possa estar-se preparando.

São dessa natureza os acontecimentos que determinaram os caminhos de Riobaldo.

Afirma ele:

Na minha [vida], agora é que vejo, as coisas importantes, todas, em caso curto de acaso foi que se conseguiram – pelo pulo fino de sem ver se dar – a sorte momenteira, por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo. Ah, e se não fosse, cada acaso, não tivesse sido, qual é então que teria sido o meu destino seguinte? Coisa vã, que não conforma respostas. As vezes essa ideia me põe susto. (ROSA, 2006, p.126)

As coisas importantes, portanto, acontecem *por um triz*. Segundo Câmara Cascudo, a palavra “triz” viria do grego *thrichos*, cabelo. De acordo com o estudioso, a expressão “por um triz” teria origem numa anedota antiga, segundo a qual o monarca Dionísio de Siracusa, tendo ouvido de Dâmocles louvores ao poder e à vida luxuosa do soberano, propôs-lhe que trocassem de lugar. Dionísio, então, organizou um banquete em que Dâmocles ocuparia a cadeira real. O rei, entretanto, mandara instalar uma espada, presa apenas *por um fio de crina de cavalo* acima do lugar que o amigo ocuparia na mesa do banquete. Sobre Dâmocles pairava a todo o momento, portanto, a ameaça de que o fio se rompesse e a lâmina atingisse sua cabeça. (CASCUDO, 1986, p. 134) No trecho de *Grande sertão: veredas* transcrito acima, a referência à anedota antiga se explicita no trecho “por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo”. Aí estão reunidos os elementos compositivos da anedota, que remetem, tanto aqui (em Rosa) como lá (na estória de Dâmocles e Dionísio), a uma situação de iminência de um acontecimento decisivo.⁶ Vale chamar a atenção também para o recurso utilizado por Rosa nesse trecho que já apareceu anteriormente neste trabalho: para sugerir o ínfimo instante que define o acontecimento, ele divide o que já é de minúscula dimensão: um “clim de clina de cavalo”.

⁶ A substituição do R de “crina”, por L, gerando “clina”, pode ser vista como variação linguística devido a questões culturais. A tendência mais frequentemente observável no uso da língua é a troca do L pelo R, conhecido como rotacismo. Trata-se de uma deriva fonética antiga, já verificado no português medieval, mas ainda é rejeitada pela norma culta, e mais utilizada por pessoas de baixa origem social e baixa escolaridade. (CÂMARA Jr., 1970) No texto rosiano, entretanto, é feita a troca inversa, do R pelo L, o que pode indicar que Riobaldo, o sertanejo com alguma instrução, que já foi professor, talvez intuitivamente perceba no vocábulo “crina” um fenômeno daquele gênero, que indica baixa escolaridade, e, tentando mostrar maior conhecimento do que os sertanejos em geral, utiliza a norma gramatical numa situação em que ela não se aplica.

Vale observar ainda que, se as “coisas importantes” – que, em grande medida, determinaram o destino de Riobaldo – aconteceram por pouco, por pouco poderiam também não ter acontecido, e sua travessia poderia ter tomado outros rumos, radicalmente diversos. É o que ele mesmo afirma: “Em certo momento, se o caminho demudasse – se o que aconteceu não tivesse acontecido? Como havia de ter sido a ser?” (ROSA, 2006, p. 521) Trata-se de uma pergunta sem resposta, e Riobaldo mesmo sabe disso, como vai deixar claro em outra ocasião, que será discutida adiante, em que se pergunta por coisa semelhante; e ele mesmo responde: “Coisa vã que não conforma resposta”. (ROSA, 2006, p. 126) Essa consciência, entretanto, não o impede de estar sempre retornando à questão, o que expressa a sua dificuldade de aceitar que sua vida tenha sido tão fortemente influenciada por acontecimentos circunstâncias. Seja como for, essa concepção de travessia como radicalmente aberta ao imprevisível torna o “viver [...] um negócio muito perigoso” (ROSA, 2006, p. 10), e por isso essa ideia “põe susto” em Riobaldo: ela implicaria em que se está sempre por um triz, submetidos ao “aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos.” (ROSA, 2006, p. 60)

A questão já é colocada no poema “Consciência cósmica”, de *Magma*, primeiro livro de Rosa.⁷ Sua última estrofe diz o seguinte:

Deixo que o inevitável dance, ao meu redor,
a dança das espadas de todos os momentos.
e deveria rir, se me restasse o riso,
das tormentas que poupam as furnas da minha alma,
dos desastres que erraram o alvo do meu corpo... (ROSA, 1997, p. 146)

Encontramos no poema um sujeito⁸ que se rendeu à inevitabilidade do acaso, visto como uma inelutável e ameaçadora dança de espadas, que o rodeia e ameaça continuamente, durante todo o tempo. Assim exposto ao perigo de viver, impotente diante de sua inexorabilidade, aceita-o, acreditando, talvez de forma compensatória, que possa ter sido poupado de desastres e tormentas, que “erraram o alvo” de seu corpo e, por um triz, acabaram não o atingindo.

Riobaldo, como vem sendo dito aqui, não consegue tomar as rédeas de sua travessia em suas mãos, submetê-la ao seu controle, conforme intenta, pois é com esse acontecimento de

⁷ *Magma* é o livro de poemas da juventude de Guimarães Rosa. Com ele, o autor conquistou o primeiro prêmio do concurso da Academia Brasileira de Letras, em 1936. O livro só foi publicado, entretanto, sessenta e um anos mais tarde, em 1997, trinta anos depois da morte de seu autor.

⁸ O termo é usado aqui em sua ambiguidade: enquanto substantivo, como aquele que escolhe e age, o indivíduo soberano, portanto; e, enquanto adjetivo, significando submetido, subordinado, sujeitado.

que aqui se fala, esse que irrompe inesperadamente e altera o curso da vida, que ele está sempre se defrontando em sua travessia. Este é o caso do primeiro encontro com Diadorim, quando tinham ambos cerca de 14 anos de idade. Riobaldo, na ocasião, pedia esmolas no porto do De-Janeiro. Algum tempo antes, ele adoecera e sua mãe fizera a promessa de que, caso se curasse, ele pediria esmolas até arrecadar o suficiente para pagar a celebração de uma missa e fazer uma doação ao Santuário do Senhor Bom-Jesus da Lapa. Era nessa situação que ele se encontrava quando conheceu Diadorim. O “Menino”, como o chamava, pois não chegou a saber seu nome na ocasião, estava em posição radicalmente diversa. Sobrinho⁹ de um grande proprietário, cuja fazenda produzia “de tudo” (ROSA, 2006, p. 102), viera com o tio para comprar arroz na venda que ficava no porto porque, excepcionalmente, não se plantara arroz naquele ano. Diadorim vestia roupas limpas e de boa qualidade: elas “não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam.” (ROSA, 2006, p. 104) A forma como Riobaldo narra o encontro dos dois meninos de condições sociais tão diversas ressalta a relação dessa máquina (econômica e social), para usar o termo de Derrida, com a postura de insegurança e temor que ele manifestou durante a travessia do rio e, de forma oposta, com a segurança e a coragem que demonstrou o Menino.

O encontro entre Riobaldo e Diadorim meninos, entretanto, excedeu a máquina.¹⁰ Foi totalmente ocasional, fruto do imponderável. Qualquer mudança nos infindáveis e indetermináveis fatos, articulados em rede virtualmente infinita,¹¹ que se conjuraram para torná-lo possível e ele poderia não ter ocorrido. Se, por exemplo, Riobaldo não tivesse adoecido; se sua mãe fizesse uma promessa diferente ou não fosse religiosa; se, por algum motivo inesperado (fruto de outros muitos motivos, inesperados ou não, igualmente articulados em rede), o tio de Diadorim não tivesse resolvido comprar arroz naquele dia, ou se Diadorim tivesse resolvido não acompanhá-lo por algum outro motivo inesperado, da mesma forma constituído; ou se eles tivessem tido algum imprevisto no caminho (como os motivos inesperados mencionados acima, também resultante de inúmeras contingências) e tivessem chegado depois de Riobaldo ter ido embora; se, ao contrário, Riobaldo é que tivesse chegado tarde e Diadorim e o tio tivessem chegado e partido antes do filho da Bigri chegar; ou se, ele não tivesse ido naquele dia...; enfim, se qualquer uma das inumeráveis condições que concorreram para que aquele encontro fosse possível não tivessem ocorrido, a vida de Riobaldo provavelmente teria sido completamente diferente. É por isso que ele se pergunta, com grande dose de perplexidade e alguma resignação,

⁹ Saberemos depois que também era filho de um grande fazendeiro, que era também chefe jagunço, Joca Ramiro.

¹⁰ Inclusive porque aconteceu, enquanto evento, apesar da distância social entre os meninos.

¹¹ Porque sempre haverá uma causa anterior a qualquer causa “primeira”.

no trecho que se segue ao anteriormente citado, em que explicita a ideia de que “ as coisas importantes [...] se conseguiram [...] por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo”:

Agora, que o senhor ouviu, perguntas faço. *Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino?* Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. [...] Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. *Por que foi que eu conheci aquele Menino?* O senhor não conheceu, compadre meu Quelemém não conheceu, milhões de milhares de pessoas não conheceram. O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: *para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino?* [...] *Mas, para quê? por quê?* Eu estava no porto do De-Janeiro, com minha capanginha na mão, ajuntando esmolas para o Senhor Bom-Jesus, no dever de pagar promessa feita por minha mãe, para me sarar de uma doença grave. Deveras se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim? (ROSA, 2006, p. 109-110 – grifos meus)

A indagação pelo sentido do encontro com o “Menino” é formulada cinco vezes – e nenhuma vez respondida¹² – num único, apesar de longo, parágrafo.¹³ Na verdade, Riobaldo tem consciência de que se trata de mais uma questão irrespondível; sabe que é inútil insistir nela (é “toleima”, “bobice”), não se pode saber o que teria sido caso o que foi não tivesse sido. A despeito disso, entretanto, não consegue evitar esse pensamento, como o demonstra a insistência na pergunta, pois não consegue compreender como um acontecimento de tal relevância tenha podido decorrer da conjunção de inúmeras circunstâncias – muitas vezes ínfimas e banais – e que, a despeito disso, poderia não ter ocorrido se transcorresse qualquer pequena mudança nas condições que o tornaram possível.

Esse encontro foi tão determinante também porque houve um reencontro – que ocorreu sob a influência do impacto que o primeiro provocara. Riobaldo ficara muito impressionado com aquele menino bonito, bem vestido, seguro de si e, fundamentalmente, corajoso; quando, já adulto, o reencontra, não poderá resistir à imensa atração que Diadorim, já então o jagunço Reinaldo, exercia sobre ele.

O reencontro ocorre, novamente, sob o signo do acaso. Riobaldo deixara o bando de Zé Bebelo há pouco tempo, e viajava sem rumo pelo sertão. Encontrara, então, uma mulher, com quem passou uma noite. A mulher era casada, o marido estava fora pescando, mas retornaria na manhã seguinte. Por isso, ela recomenda a Riobaldo que vá para a casa de seu pai, Malinácio, que morava perto, e espere por um sinal seu; ela avisaria caso o marido fosse pescar

¹² A repetição sinaliza, justamente, a impossibilidade da resposta.

¹³ Na edição utilizada neste trabalho, o trecho ocupa cerca de uma página, contando os trechos que não transcrevemos da citação.

novamente. Riobaldo assim o fez, e, enquanto aguardava pelo sinal da mulher, chegaram alguns jagunços à casa de seu hospedeiro; entre eles estava o “Menino” do porto do De-Janeiro, agora jagunço, o Reinaldo.

Muitos acontecimentos se conjuraram, novamente, para que esse segundo encontro, pudesse ocorrer. E Riobaldo novamente se pergunta pela capacidade que circunstâncias alheatórias, fora de seu alcance e de seu poder de decisão, têm de determinar os rumos de sua vida:

Se eu não tivesse passado por um lugar, uma mulher, a combinação daquela mulher acender a fogueira, eu nunca mais, nesta vida, tinha topado com o Menino? – era o que eu pensava. Veja o senhor: eu puxava essa ideia; e com ela em vez de me alegre ficar, por ter tido tanta sorte, eu sofria o meu. Sorte? O que Deus sabe, Deus sabe. (ROSA, 2006, p. 142)

A pergunta de Riobaldo, mais uma vez, reflete a sua perplexidade diante do caráter fortuito de acontecimentos que foram tão determinantes de sua trajetória de vida. Depois desse reencontro, tornou-se jagunço para acompanhar Diadorim. E nunca mais pode abandoná-lo, apesar de não se sentir totalmente identificado à vida jagunça. Riobaldo muitas vezes se revoltou contra a força desse sentimento e em algumas delas pensou em deixar o bando. Até tentou fazê-lo duas vezes, pelo menos duas vezes, mas nunca conseguiu levar a tarefa a cabo.¹⁴ Também convidou Diadorim, mais de uma vez, a deixarem juntos a jagunçagem; da primeira vez, a proposta pareceu ao filho de Joca Ramiro tão absurda e reprovável que ele sequer respondeu: “Diadorim me agarrava com o olhar, corre que um silêncio de ferro. [...] Ele era irrevogável.” (ROSA, 2006, p. 183) Da segunda, Diadorim, cobrou de Riobaldo o cumprimento de seu compromisso de lealdade: “você jurou vingança, você é leal.” (ROSA, 2006, p. 375) O filho de Joca Ramiro jamais deixaria o bando antes de levar a cabo a vingança do grande chefe e seu pai. Certa vez, afirmara a Riobaldo: “‘Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros (os traidores Hermógenes e Ricardão) não forem bem acabados...’ E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor”. (ROSA, 2006, p. 29-30). Foi por isso que Riobaldo acabou comparecendo às Veredas Mortas em busca de forças para enfrentar

¹⁴ Certa vez, quando tentava fugir, Diadorim seguiu-o, e convenceu Riobaldo a retornar. Em outra oportunidade, indo prestar serviços a Medeiro Vaz, o então jagunço Tatarana ficou impossibilitado de voltar porque estava cercado pelos inimigos, os judas, e pelos soldados do governo. Acabou trabalhando por algum tempo numa mineração. Nesse período, pensou em não voltar mais, em dar outro rumo a sua vida. Era filho de Selorico Mendes, podia começar uma vida como fazendeiro. Entretanto, acabou voltando para o convívio de Diadorim.

outro pactário, o Hermógenes, assassino de Joca Ramiro. Somente a morte do “judas” poderia criar a possibilidade de Diadorim deixar o bando.¹⁵

Se esses encontros foram por sorte ou azar, Riobaldo não parece ter certeza. Ele se pergunta sobre isso, mas não parece ter uma resposta para a questão (“Sorte? O que Deus sabe, Deus sabe”), pois seus sentimentos por Diadorim lhe causaram muitos conflitos, trouxeram-lhe muita intranquilidade, desassossego e sofrimento.¹⁶ Além disso, como foi discutido anteriormente, não é possível determinar qual teria sido o “destino seguinte” de Riobaldo caso ele não tivesse conhecido aquele menino e se reencontrado com ele mais tarde na casa do Malinácio. Poderia ter sido melhor, menos sofrido, talvez? “Coisa vã, que não conforma resposta”, para utilizar as palavras do próprio ex-jagunço.

Riobaldo, portanto, percebe sua falta de autonomia, a impossibilidade de governar sua vida “por seu querer”, o querer do eu consciente. O acaso está sempre intervindo e roubando de Riobaldo o controle das situações. Isso porque, para usar, mais uma vez, as palavras de Derrida: o evento “excede um determinismo, mas excede também os cálculos e as estratégias de meu domínio, minha soberania ou minha autonomia.” (DERRIDA, 2004, p. 69)

Excede, mas não anula. É o que diz, a certa altura, o próprio ex-jagunço:

“Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?” (ROSA, 2006, p. 35)

Nesse trecho, Riobaldo atribui um papel importante ao poder da vontade, da autodeterminação do sujeito egológico: quando se quer atravessar um rio a nado, se atravessa. A vontade e a autodeterminação, entretanto, não atuam isoladamente, estão inseridas numa rede de relações indetermináveis em sua totalidade, responsáveis pelo perigo de viver – a “dança das espadas de todos os momentos” que se dá ao nosso redor. É o que diz o próprio Riobaldo: “quantas outras doideiras assim haviam de estar regendo o costume da vida da gente, e eu não era capaz de acertar com elas todas, de uma vez!” (ROSA, 2006, p. 406-7). Por isso, não se pode prever aonde pode levar uma decisão, não se pode determinar suas virtualmente infinitas consequências, que se ramificam e se combinam com as consequências de outras ações e com

¹⁵ A questão foi discutida em SOARES, 2014.

¹⁶ O que ele significa para Riobaldo está inscrito em seu “nome perpetuo”. (371) Como observa Ana Maria Machado, no nome de Diadorim percebe-se uma “síntese de diversos elementos”; Dentre os 11 que aponta, encontramos estes quatro: “1- *Diá* como *Diabo* [...]. 2- *Diá* como *dea*, referindo-se ao outro polo, *Deus* (...). 5- *Dor*. 6- *Adorar*, significado que se situa na vertente [...] de Deus e amor, com a forma *deadorar* corroborada pela existência de *deamor*.” (MACHADO, 1976, p. 39-40) Diadorim traz em seu nome, portanto, conjugados, representações do bem e do mal, de amor e dor.

outros acontecimentos; “porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.” (ROSA, 2006, p. 461)

No caso da travessia do rio, podemos imaginar que possam interferir e alterar o trajeto do nadador circunstâncias como a velocidade da correnteza, que, por sua vez se modifica com a velocidade do vento, ou com as chuvas que possam ocorrer na cabeceira ou sobre os afluentes do rio.... Nesse último caso, ela pode trazer troncos de árvores, animais mortos, e muitas outras coisas de que seja necessário desviar-se, e pode-se ser bem sucedido ou não; em caso de sucesso, pode-se gastar mais ou menos tempo para isso, e, assim, expor-se mais ou menos ao fluxo da correnteza... Pode-se também encontrar animais perigosos, como cobras, jacarés... Enfim, há infinitas possibilidades de interferência no percurso, imagináveis e inimagináveis, se relacionando em rede virtualmente infinita de relações. Em *Grande sertão: veredas*, mundo de “muita doideira e pouca razão” (ROSA, 2006, p. 345), liberdade só pode mesmo ser a “alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões.” (ROSA, 2006, p. 307)

Referências bibliográficas

BENNINGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida. Por Geoffrey Bennington e Jacques Derrida*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

CAMARA JR., Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1970.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: COUTINHO, Eduardo (org.). *Guimarães Rosa*. Coleção Fortuna Crítica 6, Rio de Janeiro, INL/Civilização Brasileira, 1983.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Locuções tradicionais do Brasil – Coisas que o povo diz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1986.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 5ª ed. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã.... Diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza Da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Força de lei*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder*. São Paulo: UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. v.1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SOARES, Claudia Campos. A impossibilidade da fixação do sentido das coisas e da linguagem. In: *O eixo e a roda*: v. 23, n. 1, 2014, p.165-187.

STALING, Heloísa M. M. *Lembranças do Brasil: teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Revan; UCAM-IUPERJ, 1999.